

A silhouette of a lioness sitting and looking to the right, with a small cub sitting in front of her. The background is a dark green gradient with decorative elements at the top: a light green horizontal bar with white wavy lines and a series of vertical bars of varying heights.

CAPÍTULO II

OS ANIMAIS FORAM CRIADOS PELA MESMA MÃO CARIDOSA DE DEUS QUE NOS
CRIOU. É NOSSO DEVER PROTEGÊ-LOS E PROMOVER O SEU BEM-ESTAR.

(MADRE TERESA)

2.1 CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAIS

O ser humano tem como peculiaridade a aptidão de reunir em grupos os objetos ou seres que apresentam características semelhantes. Essa distribuição de objetos ou seres em grupos é o que chamamos de classificação. E uma das formas de ordenar o agrupamento de animais é a de separá-los em: animais domésticos, silvestres/selvagens, e exóticos.

2.1.1 ANIMAIS DOMÉSTICOS

Animais Domésticos são aquelas espécies que passam a serem criadas pelo homem para uma certa finalidade, o que implica no controle da sua reprodução e genética, desenvolvendo características biológicas e comportamentais em estreita dependência do homem, o que por vezes pode ocasionar a perda de algumas semelhanças físicas da espécie silvestre que os originou. Alguns desses animais domésticos são criados pelo homem a fim de lhe servir no trabalho ou fornecer-lhe seus produtos - lã, leite, ovos e etc... - como é o caso dos cavalos, vacas, porcos, galinhas entre outros. (CAPELLETO)

2.1.2 ANIMAIS SILVESTRES

No Artigo 29, parágrafo 3º da Lei 9.605/98 conhecida como a nova Lei de Crimes Ambientais, define com clareza os Animais Silvestres (ou Selvagens): "são espécimes da fauna silvestre todos aqueles pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, que tenham todo ou parte de seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do território brasileiro, ou águas jurisdicionais brasileiras".



Fig. 08 | Classificação dos Animais
Fonte | Isabela Rangel.



2.1 CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAIS

2.1.3 ANIMAIS EXÓTICOS

Os Animais Exóticos por sua vez, são aqueles cuja a sua distribuição geográfica não inclui o território brasileiro, ou aqueles que tenham sido introduzidos fora das fronteiras brasileiras e suas águas e que tenham entrado espontaneamente em território nacional. Como exemplo podemos citar: leões, javalis, elefantes, zebras, ente outros.

2.1.4 ANIMAIS SINANTRÓPICOS

Por fora os agrupamentos citados anteriormente podemos encontrar alguns outros animais que se adaptaram a viver junto ao homem, mesmo contra a vontade deste. São criaturas que por muito tempo passaram a serem indesejáveis em nossos ambientes de conforto e convívio, pois são grande transmissores de doenças. Esses tipos de animais fazem parte de um grupo chamado Animais Sinantrópicos, entre eles estão os pombos, ratazanas, pulgas, moscas, mosquitos, camundongos, carrapatos e etc. Também conhecidos como Pragas Urbanas.



Fig. 09 | Pragas Urbanas
Fonte | Autora

2.2 DOMESTICAÇÃO

O dicionário da língua portuguesa Michaelis, classifica domesticação como o ato de domesticar, ou seja, a prática utilizada pelo homem, de submeter os animais, primitivamente selvagens, para os empregar em atividades de seu próprio proveito.

2.2.1 A HISTÓRIA DA DOMESTICAÇÃO NO MUNDO

Já na Antiguidade se deu o início da utilização das forças do vento e da água, ainda mais antiga é a contribuição da força animal às forças humanas. O cavalo que carrega o cavaleiro em seu lombo e o cão que descobre e agarra a caça em fuga, para o caçador, efetuam um trabalho que o homem sozinho não poderia realizar. (BIRKET – SMITH, Kaj).

O período chamada de idade da Pedra Lascada (Paleolítico) começou com as primeiras criaturas hominídeas, que habitaram a África oriental há cerca de 3 milhões de anos atrás, até aproximadamente 10.000 anos, quando o homem inventou os primeiros métodos rudimentares da agricultura. Na idade da Pedra Polida (Período Neolítico) o desenvolvimento social humano foi condicionado por essa experiência milenar de caça e coleta de alimentos. Nessa época o homem descobriu como cultivar a terra, domesticou animais, estabeleceu aldeamentos, poliu ferramentas de pedra, fez cerâmica e aprendeu a tecer. A agricultura e a domesticação de animais revolucionaram a vida. Os agricultores do neolítico transformaram o meio em que viviam de modo a atender as suas necessidades. (PERRY Marvin).

10.000 A.C

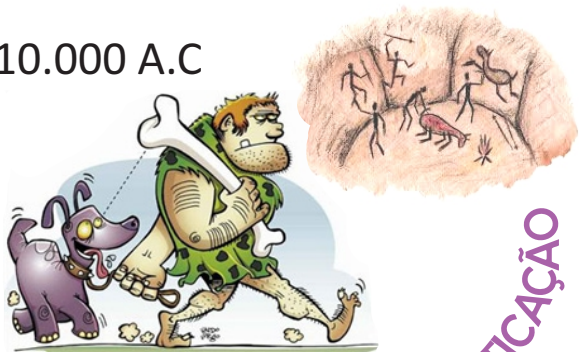


Fig. 10 Domesticação
Fonte Arte/EM/D.A Press

DOMESTICAÇÃO



FONTE DE ALIMENTO



2.2 DOMESTICAÇÃO

2.2.1 A HISTÓRIA DA DOMESTICAÇÃO NO MUNDO



O LOBO Em tempos remotos, diferentes tipos de lobos eram comuns por todo o mundo. Portanto, acredita-se que ele seja o ancestral mais comum entre todas as raças caninas.

Fig. 11 | Lobos
Fonte | Werner Freund



O CAMELO O antepassado de um dos animais mais emblemáticos do Saara surgiu há milhões de anos, no Ártico.

Fig. 12 | Camelos
Fonte | Julius T. Csotonyi

O mais antigo dos animais domesticados é certamente o cão, que era um animal doméstico bem antes de ter sido construída a primeira casa, muitos paleontólogos e estudiosos pelo mundo todo, datam os primeiros cães domésticos há mais de 10.000 ac. Nas relações entre homem e os animais, o cão é um animal útil, onde ele puxa o trenó, em numerosas regiões do Antigo Mundo, ajuda o pastor a reunir seu rebanho, e ao sul e nas regiões setentrionais, é um auxiliar precioso na caça.

Após o cão se juntar voluntariamente ao homem, atraído pelo cheiro da comida dentro das cavernas e ter sido domesticado, outros animais renunciaram de uma vida livre para garantir-se alimento fácil e proteção nas aldeias, como as ovelhas, cabras, porcos, as renas. Com o tempo a rena passou a ser substituída pelo cavalo nas vastas florestas da Sibéria.

Os camelos e dromedários foram domesticados na Arábia, por volta de 3.000 a.C, e no começo do primeiro milênio a.C vieram a desempenhar papel militar. Os mais antigos testemunhos da domesticação do boi primitivo datam do 5º milênio a.C. e ao qual esteve estreitamente associado à agricultura. (BIRKET – SMITH, Kaj).

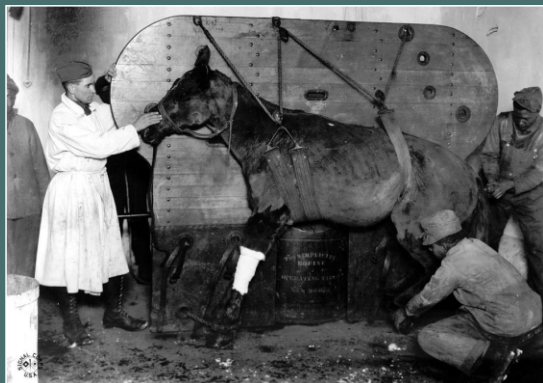
A observação constante dos animais revelou que eles não só podiam ser domesticados e servirem de fontes de reservas de alimentos e peles, mas também funcionavam como dispensas vivas e guarda-roupas ambulantes, onde vacas, cabras e ovelhas, podiam dar alimento – leite - sem necessidade de matá-las. Iniciando-se assim a criação de algumas espécies domesticadas, afim de suprir as necessidades humanas.

2.2 DOMESTICAÇÃO

2.2.1 A HISTÓRIA DA DOMESTICAÇÃO NO MUNDO

Além de desempenharem importantes funções em seus relacionamentos com os seres humanos gerando fontes de alimento e transporte, influenciando pela sua domesticação a economia (com o início da introdução do excedente), muitos animais estiveram ao lado dos homens para servi-los quando estes começaram a guerrear.

Já na 1ª Guerra Mundial, os animais transportavam importantes mensagens e cargas, ajudavam a criar redes elétricas e detectavam gases e bombas. O cavalo, por exemplo, transportava fornecimentos e até encabeçava o ataque contra o inimigo. Os soldados mantinham gatos nas trincheiras, para matarem os ratos durante a guerra e evitar doenças. Já na Segunda Guerra Mundial, canários e ratos foram enviados aos túneis cavados por trás das linhas inimigas para detectar gases venenosos. Assim também, eram utilizados elefantes e outros animais de circos e zoológicos, a fim de assustar os inimigos, ou para serviços pesados. (EL CONFIDENCIAL)



(1): Procedimento Cirúrgico em Animal durante á Primeira Guerra Mundial.



(2): Novas instalações elétricas mediada por cães.



(3): Transporte de Armamentos.



Fig. 13 | Animais na Guerra
Fonte | EL CONFIDENCIAL

2.2 DOMESTICAÇÃO

2.2.2 A CLASSIFICAÇÃO

Os animais em nosso convívio muitas vezes precisam de assistência, nesse momento a nossa procura por lugares adequados para realizar seu atendimento necessitam primeiramente estabelecer um tipo lógico de classificação, relacionada ao porte do animal.

Muito se fala de animal de porte grande, ou pequeno, e conseqüentemente esse fator é variável de acordo com sua necessidade de análise. Quando mencionamos o porte de animal entre os animais domésticos, para definir que tipo de estabelecimento de atendimento devemos procurar, devemos subentendê-los de duas formas: animais de pequeno e grande porte.

Os animais conhecidos como pequeno porte na linhagem de animais domésticos, podem ser definidos como aqueles animais tratados dentro de nossas residências, como cães, gatos, pássaros, roedores entre outros. Os animais de grande porte diante dessa perspectiva, são os que podemos chamar de animais de criação, ao quais são criados em meio rural, com propósitos de obter produtos provenientes da origem animal ou como força motriz de trabalho, como vacas, porcos, cavalos e etc...

ANIMAL DE PEQUENO PORTE

Tratados dentro de nossas residências



Fig. 14 | Animais Domésticos
Fonte | Isselee



De criação, criados em meio rural, diante do interesse do homem pelos seus produtos.

ANIMAL DE GRANDE PORTE

Fig. 15 | Animais de Criação
Fonte | Isselee

2.2 DOMESTICAÇÃO

2.2.3 A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS

Alguns autores descrevem a importância da domesticação dos animais domésticos diante de uma série de benefícios providos por eles, assim como Guilherme Ferrero afirma:

“Que a intervenção da máquina a vapor não foi, na história dos povos civilizados, um acontecimento tão importante quanto a domesticação dos animais, na vida dos povos primitivos; pois, graças a ela, foi possível ao homem triplicar a velocidade de seus movimentos e a resistência de seus músculos nos trabalhos; de ter produtores de matérias nutritivas; de se auxiliar de colaboradores inteligentes e adestrados para duas principais ocupações – a caça e a guerra.”

Segundo Feldman (MARTINS, 2008) os animais de estimação podem agir como facilitadores e catalisadores para relacionamentos interpessoais e enriquecer os sentimentos de autoestima, onde são capazes de satisfazer as necessidades emocionais de seus possesores, quando tornam-se reconhecidos como amigos ou companheiros.

Dennis Turner, professor de veterinária da Universidade de Zurique admite que os animais trazem mais benefícios do que as alegrias domésticas conhecidas: "A companhia dos animais beneficia não apenas deficientes ou portadores de doenças graves, mas também o cidadão comum seja qual for sua renda familiar" (SILVA, 2011).



Cão em Terapia Assistida por Animais

Fig. 16 | Fonte: Org. Saúde Sustentável.



Equoterapia e Síndrome de Dawn

Fig. 17 | Fonte: Elaine Cristina



Equoterapia

Fig. 18 | Fonte: Tiago Conessa.



2.2 DOMESTICAÇÃO

2.2.3 A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS

- Os relacionamentos com animais reproduzem o tipo de relacionamento que os seres humanos desenvolvem com as crianças, de forma que recomenda-se que os animais de estimação devam ser vistos como dependentes, necessitando assim dos cuidados humanos.

2.2.4 A CONSEQUÊNCIA DA DOMESTICAÇÃO

- Em "A Origem das Espécies", Charles Darwin relata que "uma das mais notáveis características de nossas raças domesticadas é a adaptação que pode ser percebida, não para o bem do animal, mas sim para uso ou capricho do homem." De tal forma que o homem acaba criando raças úteis para o seu proveito, perante a capacidade do homem de fazer a seleção acumulativa, onde a natureza dá variações sucessivas e o homem as acumula em certas direções que lhe são úteis. (DARWIN)

- Diante de todos os benefícios herdados pela domesticação dos animais, perante a nossa evolução, com a ajuda que obtivemos deles para a realização dos nossos trabalhos, ou na obtenção de recursos de origem animal, devemos no mínimo a eles respeito e cuidados, e de fato uma maior atenção pois todo esse processo de domesticação também resultou no surgimento de zoonoses*, como raiva, brucelose, dengue, febre amarela, leptospirose, leishmaniose, toxoplasmose, malária e febre aftosa, entre outras.

*Zoonoses: São infecções ou doenças que podem ser transmitidas ao homem ou aos animais. Podendo ser transmitidas através do contato direto ou indireto com animais ou pessoas contaminadas. (Revista Bem Mais)

Fig. 19 | Fonte: El Confidencial



Utilização de Elefantes na Guerra

Fig. 20 | Fonte: Onca



Exploração Animal

Fig. 21 | Fonte: Reprodução CNN



Indústria de Peles

2.2 DOMESTICAÇÃO

2.2.4 A CONSEQUÊNCIA DA DOMESTICAÇÃO

Devemos recordar que na utilização de animais para a produção de alimentos, com a chegada de novas tecnologias a partir das décadas de 50 e 60 passou-se a descrever o termo produção animal, representa um setor que gera grandes movimentações e lucros financeiros em um país. No entanto o concorrido mercado importador impõe uma série de exigências quanto à necessidade de cuidados ambientais e qualidade sanitária dos produtos de origem animal. (LOPES, et. al. 2008).

Fato esse que torna-se para nós evidente a necessidade de tratar da saúde de todos os animais, pois além de estar a saúde desses animais diretamente relacionada com a nossa saúde, também está estritamente ligada com a economia do nosso país.

A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS MOVIMENTA E ECONOMIA MUNDIAL

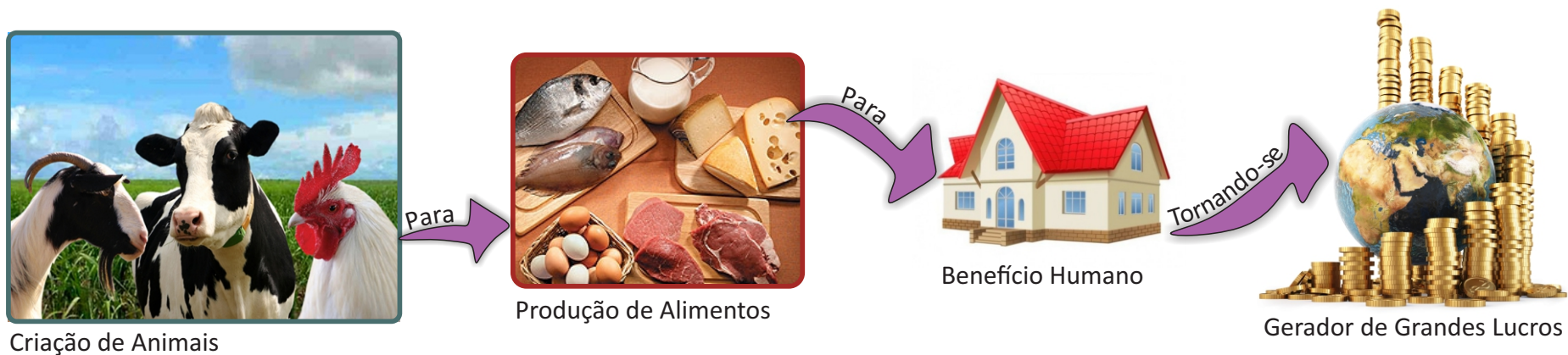


Fig. 22 | Movimentação da indústria de produção de alimentos.
Fonte | Imagens do Google com adaptação da autora.

2.3 SURGIMENTO DOS HOSPITAIS VETERINÁRIOS

2.3.1 NO MUNDO

Em 1980 a.C foi encontrado no Egito o "Papiro de Kahoun", documento esse que descreve fatos da arte de curar animais, onde são indicados procedimentos de diagnóstico, prognóstico, sintomas e tratamentos de diversas doenças em várias espécies de animais. O desenvolvimento da Medicina Veterinária Moderna se deu com o surgimento da primeira escola de Medicina Veterinária do mundo em Lyon, França, criada pelo hipologista e advogado francês Claude Bougerlat, em 1762. (CFMV)

Porém não existem registros sobre o surgimento dos primeiros estabelecimentos de assistência à saúde animal no mundo, mas podemos presumir que devem ter surgido posteriormente o desenvolvimento dos primeiros cursos de Medicina Veterinária, o que daria a França grandes chances de ser o precursor desses estabelecimentos de saúde animal.

2.3.2 NO BRASIL

A Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (fundada em 1913, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ) e a Escola de Veterinária do Exército (1914), direcionada a produção animal, foram as duas primeiras instituições de ensino de Veterinária no Brasil, ambas na cidade do Rio de Janeiro. (CFMV)

A atuação do Médico Veterinário foi normatizada somente em 1933, através do Decreto nº 23.133 do então Presidente da República Getúlio Vargas. Foram então conferidos privacidade para a organização, direção e a execução do Ensino Veterinário, para serviços referentes à Defesa Sanitária Animal, Inspeção dos estabelecimentos industriais de produtos de origem animal, hospitais e policlínicas veterinárias.



Fig. 23 | Papiro de Kahoun
Fonte | Francis Llewellyn Griffith



Fig. 24 | 1st Veterinary College
Fonte | Malinda Larkin



2.3 SURGIMENTO DOS HOSPITAIS VETERINÁRIOS

2.3.2 NO BRASIL

No Brasil os primeiros professores da universidade hoje conhecida como UFRJ foram médicos veterinários franceses e belgas. Um dos professores belgas era o Dr. Octave-Jules Dupont, que chegou ao Brasil em 1912, onde passou toda a sua vida profissional, também foi por muito tempo diretor do Hospital Veterinário do Jockey Clube Brasileiro, que hoje leva seu nome (Hospital Veterinário Otvávio Dupont).

Em 1968 a UFRJ teve a sua estrutura reformulada, na qual constava o Instituto de Veterinária, que por sua vez foi estruturado em quatro departamentos, sabendo-se que um deles é o Hospital Veterinário. (CFMV)

Por mais que não exista dados específicos da data da primeira clínica ou primeiro hospital veterinário criado em nosso país, através de análises realizadas nas informações recolhidas, sobre a implantação do curso em nosso país, podemos estimar que o primeiro espaço físico destinado ao tratamento de animais, seja uma clínica ou um hospital, surgiu a mais de 50 anos atrás.

Tal estimativa pode ser potencializada com a declaração de Ronald de Góes, em seu livro - Manual prático de arquitetura para clínicas e laboratórios - onde o mesmo alega que o surgimento das clínicas veterinárias no Brasil se deu com o processo de urbanização brasileiro (Século XX, 1950).



Fig. 25 Escola Superior de Agric. e Medicina. 1913
Fonte UFRJ.



Fig. 26 Clínica Veterinária, em Olinda (1916).
Fonte Argus Vasconcelos.





Hospital Veterinário Público de Porto Alegre

Fig. 27 | Fonte: Divulgação PMPA



Clínica Veterinária

Fig. 28 | Fonte: Petwise



Ambulatório Veterinário

Fig. 29 | Fonte: Fabio Negretto

2.4 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE ANIMAL

2.4.1 DISTINÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS

A ANVISA disponibiliza um documento sem valor legal - Referência Técnica para o Funcionamento dos Serviços Veterinários, Brasília/2010 - com função de servir de referência aos Estados e Municípios na elaboração de suas legislações locais a respeito do funcionamento dos estabelecimento que prestam serviços veterinários, em tal documento é possível identificar os diferentes serviços veterinários disponíveis afim de obter uma maior compreensão das suas funções, são eles:

- **Hospitais Veterinários:** São capazes de assegurar assistência médica curativa e preventiva aos animais, através de consultas, internação e tratamentos clínico-cirúrgicos, de funcionamento obrigatório em período integral (24 horas), com a presença permanente e sob a responsabilidade técnica do médico veterinário.

- **Clínicas veterinárias:** São destinadas ao atendimento de animais para consultas e tratamentos clínico-cirúrgicos, podendo ou não ter internamentos, sob a responsabilidade técnica e presença de médico veterinário.

- **Ambulatório Veterinário:** A dependência de estabelecimento industrial, comercial, de recreação ou de ensino e/ou pesquisa, de responsabilidade técnica de Médico Veterinário, com acesso independente, onde são atendidos os animais pertencentes ao mesmo ou sob sua guarda, para exames clínicos, curativos, pequenas cirurgias, sendo vedada à realização de cirurgias com utilização de anestesia geral e a instalação de equipamentos de radiodiagnóstico.

2.4 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE ANIMAL

2.4.1 DISTINÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS



Consultório Veterinário

Fig. 30 | Fonte: Puppy Stop



Laboratório de Diagnóstico Veterinário

Fig. 31 | Fonte: Colorado State University



Unidade de Transporte Veterinário

Fig. 32 | Fonte: Divulgação RAC

- **Consultórios veterinários:** São de propriedade de médico veterinário, destinados ao ato básico de consulta clínica, curativos, vacinações de animais, coleta de material para diagnóstico, sendo vedadas a realização de procedimentos anestésicos e/ou cirúrgicos e a internação.

- **Laboratório Veterinário:** Destinado a realização de análises clínicas e/ou diagnósticas referentes à medicina veterinária, sob a responsabilidade técnica do Médico Veterinário.

- **Unidade de Transporte Veterinário:** veículo utilitário vinculado a um estabelecimento médico veterinário, utilizado exclusivamente para transporte de animais, sendo vedada a realização de consulta, vacinação ou quaisquer outros procedimentos médicos-veterinários.



LEGENDA	<input checked="" type="checkbox"/> Realiza
	<input checked="" type="checkbox"/> Não Realiza
	<input checked="" type="checkbox"/> Pode ou não realizar

2.4 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE ANIMAL

2.4.1 DISTINÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS

	Consulta Clínica	Curativos	Vacinação	Coleta de Material	Cirurgias c/ Anestesia	Cirurgia s/ Anestesia	Internamentos	24 Horas
Hospital Veterinário	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Clínica Veterinária	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓✗	✗
Ambulatório	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✗	✗
Consultório	✓	✓	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Laboratório	✗	✗	✗	✓	✗	✗	✗	✗

Fig. 33 | Fonte: Autora

2.4.2 HOSPITAIS DE ENSINO

Os Hospitais de Ensino ou Hospitais Universitários, são tão antigos quanto o conceito de saúde que surgiu com o renascimento. Nos últimos setenta anos, os hospitais universitários cresceram como instituições independentes, onde eram utilizados pelos médicos especialistas para experimentação de novas tecnologias médicas.

A partir dos anos setenta, iniciaram-se através de desafios algumas mudanças no horizonte dos serviços de saúde, como as técnicas de prevenção que ganharam força como instrumento para prolongar a vida e reduzir custos dos sistemas de saúde, e o crescimento da atenção médica baseada no conceito de seguro, mudando as práticas das instituições que administram os planos de saúde e submetendo a atenção médica a rotinas, procedimentos e práticas mais padronizadas, bem como a controles externos, com a perspectiva de obter resultados mais custo-efetivos.

2.4 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE ANIMAL

2.4.2 HOSPITAIS DE ENSINO

O Hospital Universitário (HU) pode ser definindo como uma instituição caracterizada por ser um prolongamento de um estabelecimento de ensino de saúde, por prover treinamento universitário na área da saúde - um elemento necessário para a formação acadêmica dos residentes -, por ser reconhecido oficialmente como unidade de ensino, estando submetido à supervisão das autoridade competentes, por propiciar atendimento médico de maior complexidade a uma parcela da população, e principalmente por exercer um papel político importante na comunidade que está inserido, dada sua escala, dimensionamento e custos. (MEDICI, 2001).

2.4.3 CONDICIONANTES DE PROJETO

No Neufert podemos encontrar mais algumas disposições dos hospitais de ensino:

"Providos de serviços máximos de abastecimento, os hospitais universitários, assim como os grandes complexos hospitalares, dispõem de equipamentos altamente especializados e variados na área de diagnósticos e terapias, como funcionamento sistemático dos setores de pesquisa e formação. Auditórios e salas de demonstração devem ser projetados de forma a não interferirem no funcionamento normal do hospital." (NEUFERT, 2011).

De acordo com Mário Ferrer, os hospitais de ensino devem em seus ambientes de atendimento terem o professor e mais, pelo menos, quatro alunos, de forma que esse hospital necessite de ambientes mais generosos. E alguns ambientes são imprescindíveis, como a sala para prescrição/reuniões, sala de chefia médica e enfermagem, e um anfiteatro.



Hospital da Universidade de Medicina Veterinária.

Fig. 34 | Fonte: Architects



Hospital da Universidade da Flórida.

Fig. 35 | Fonte: Vetmed



Hospital de Ensino de Iowa, animais de Grande Porte.

Fig. 36 | Fonte: Isualumni

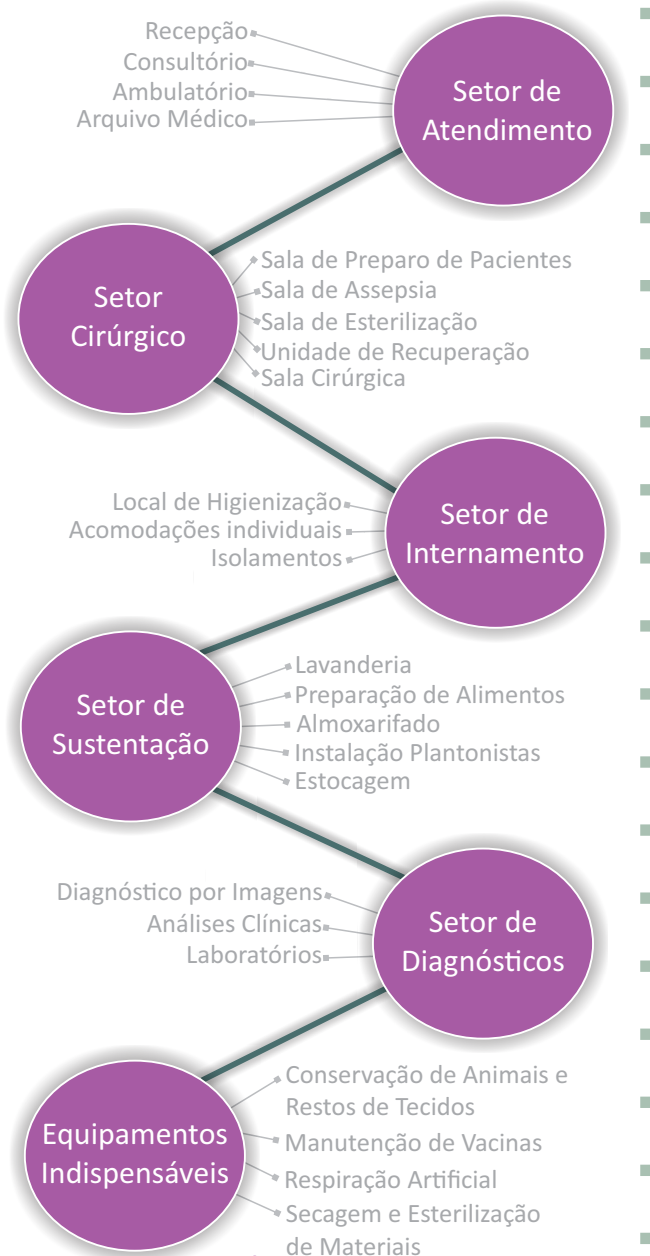


Hospital de Ensino de Iowa, animais de Pequeno Porte.

Fig. 37 | Fonte: Isualumni



Fig. 38 | Especificação de cada Setor
Fonte | Autora



2.4 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE ANIMAL

2.4.3 CONDICIONANTES DE PROJETO

Uma das grandes vantagens dos hospitais com intuito educacional é a oferta de preços reduzidos das consultas e tratamentos. Como esses hospitais são vinculados as universidades, o único custo cobrado para realização dos atendimentos é o valor para reembolso dos materiais.

2.5 HOSPITAL VETERINÁRIO

2.5.1 CRITÉRIOS PARA FUNCIONAMENTO

O Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) no uso das suas atribuições, apresenta a sua resolução - RESOLUÇÃO Nº 670, de 10 de Agosto de 2000, resolução que em 2013 teve alguns critérios redefinidos - onde conceitua e estabelece condições para o funcionamento de estabelecimentos médicos veterinários, e dá outras providências.

Para o funcionamento de Hospitais Veterinários, são descritos setores e suas necessidades, como condicionantes. Sendo aos quais os setores são apresentados em (Fig. 37):

1 - Setor de Atendimento: recepção, consultório, ambulatório e arquivo médico.

2- Setor Cirúrgico: Sala de preparo de pacientes, sala de assepsia, sala de lavagem e esterilização de materiais, unidade de recuperação anestésica e sala cirúrgica.

2.5 HOSPITAL VETERINÁRIO

2.5.1 CRITÉRIOS PARA FUNCIONAMENTO

3- Setor de internamento: local de higienização, acomodações individuais e de isolamento compatíveis com os animais

4- Setor de Sustentação: lavanderia, local para preparo de alimentos, depósito/almojarifado, instalações para plantonistas, sanitários/vestiários e setor de estocagem de medicamentos.

5- Setor auxiliar de diagnóstico: serviço de diagnóstico por imagens e análises clínicas próprios, conveniados ou terceirizados.

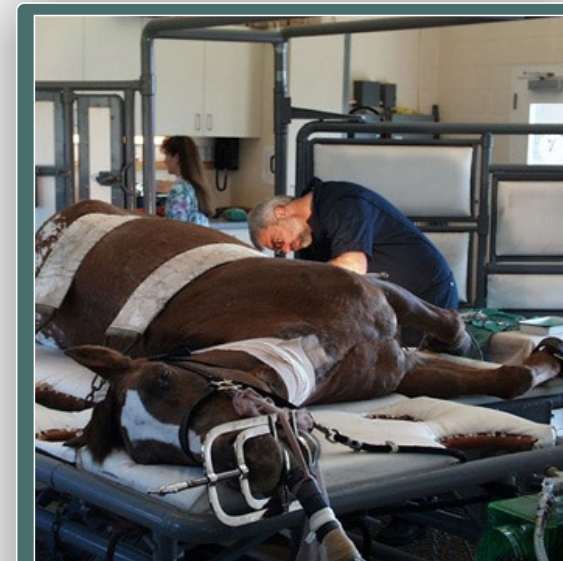
6- Equipamentos Indispensáveis: Manutenção exclusiva de vacinas, antígenos e outros produtos biológicos, secagem e esterilização de materiais, respiração artificial, conservação de animais mortos e restos de tecidos.

A normativa também se alinha à legislação sanitária vigente ao exigir maior controle de acesso aos medicamentos, e convênios com empresas para o recolhimento de cadáveres e lixo hospitalar.



Setor de Atendimento, Carriage Hills Animal Hospital

Fig. 39 | Fonte: Animal Arts



Setor Cirúrgico, Deer Park Animal Medical Center

Fig. 40 | Fonte: Animal Arts



2.5 HOSPITAL VETERINÁRIO

2.5.2 CONHECENDO AS NORMAS

Os embasamentos legais observados para análise, compreensão e elaboração do planejamento de um hospital veterinário no município de Criciúma, foram:

- A RDC 50 que dispõe sobre os procedimentos no âmbito da ANVISA ao regulamento técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde.

- A resolução Nº 670, de 10 de Agosto de 2010, atualizada em 2013, que possibilita a compreensão das condições de funcionamento dos estabelecimentos médicos veterinários.

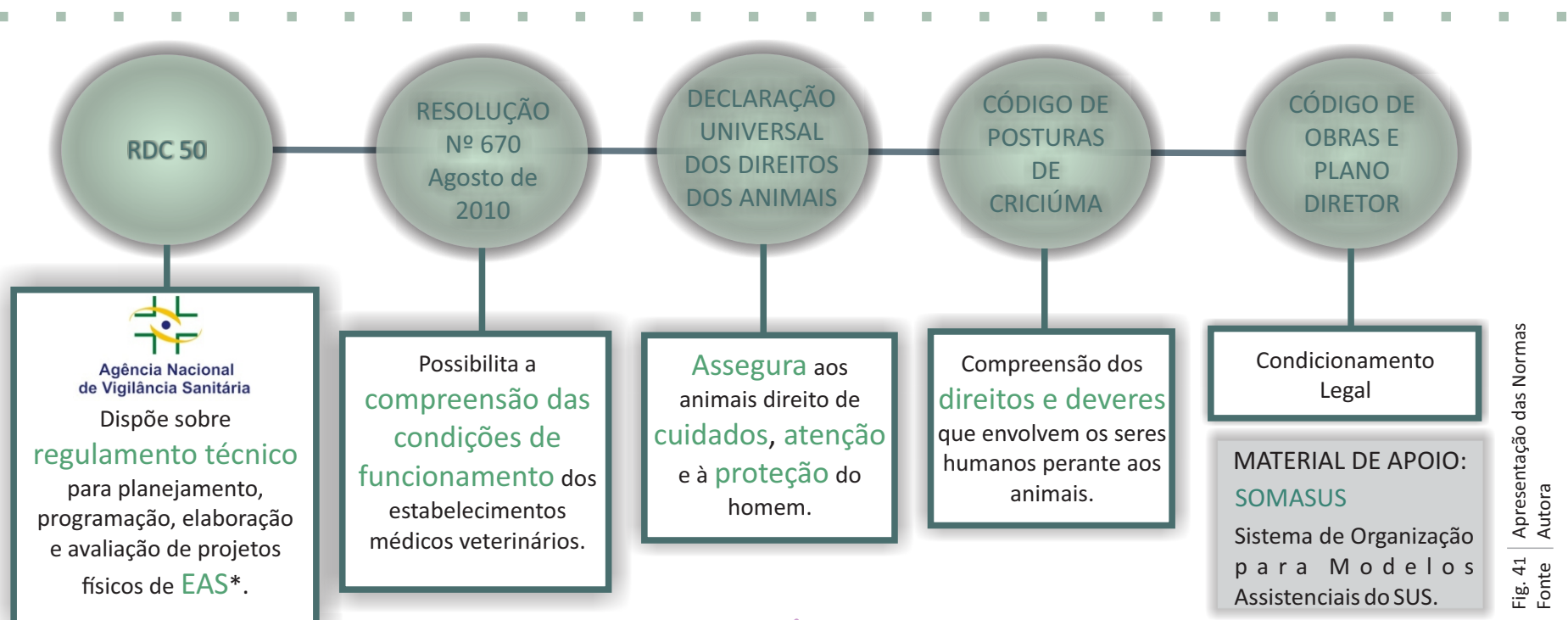


Fig. 41 Apresentação das Normas
Fonte: Autora

2.5 HOSPITAL VETERINÁRIO

2.5.2 CONHECENDO AS NORMAS

- Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada pela UNESCO em sessão realizada em Bruxelas, em 27 de janeiro de 1978, onde é considerado que cada animal tem direitos, sejam eles de cuidados, atenção e à proteção do homem, e que o homem continua a cometer crimes contra a natureza e os animais pelo desconhecimento e desprezo desses direitos. Tal declaração foi de vital importância para o entendimento de que faz-se necessário o uso do nosso conhecimento à serviço dos animais.

- Código de Posturas de Criciúma, para compreensão dos direitos e deveres que envolvem os seres humanos perante os animais em nosso município, código esse que por sua vez revela-se carente nas suas abordagens ao tema relacionado à animais, de tal forma, foi analisado também o Código de Posturas de Araranguá, município próximo, que por sua vez apresenta um título exclusivo descrevendo todos os tipos de animais e as obrigações, tornando-se clara a compreensão do respeito que os envolve.

- Além do Código de Obras de Criciúma, Plano Diretor.

2.5.3 TESTES EM ANIMAIS

A utilização das células “in vitro”, microorganismos, animais invertebrados, modelos matemáticos, estão sendo cada vez mais aplicados para substituição dos animais utilizados em testes de laboratórios, porém, infelizmente, em alguns casos eles acabam sendo imprescindíveis.

Em se tratando de Hospitais Veterinários, não são realizados testes de experimentação como em laboratórios, porém quando há a necessidade da utilização de animais para métodos educacionais, são utilizados cadáveres de animais que tiveram morte natural em clínicas e hospitais veterinários.



Campanha contra testes em animais

Fig. 42 | Fonte: Itapiraneews



Testes em células “in vitro”.

Fig. 43 | Fonte: Carlos Oliveira

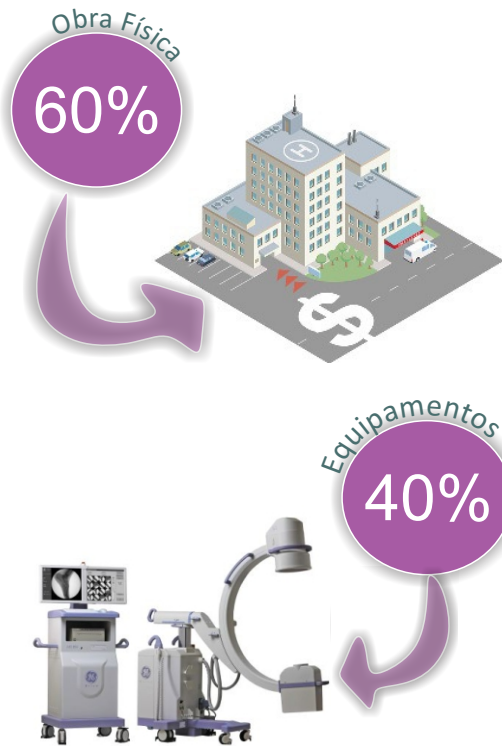


Fig. 44 | Proibido o teste em animais
Fonte | Autora



CUSTOS HOSPITALARES

	Espaços	Instalações
Custo Da Construção	60%	40%
Custo De Manutenção	30%	70%



2.5 HOSPITAL VETERINÁRIO

2.5.4 CUSTOS HOSPITALARES

Uma das maiores questões apontadas pelos arquitetos refere-se à forma mais econômica em planta para uma edificação. Nos livros "O custo das decisões arquitetônicas" e "O custo das decisões arquitetônicas no projeto hospitalar" de Juan Mascaró, é analisado a configuração formal de um edifício de uma maneira geral e do edifício hospitalar de acordo com: a forma da planta ou plano horizontal; superfícies das fachadas ou planos verticais; índice de compacidade; tipologia das interações; e instalações.

Segundo Góes, o custo dos espaços construídos dependerá sempre das suas dimensões: comprimento, largura, pé-direito, número de pavimentos etc. **O custo total de um hospital é de 60% na obra física e 40% nos equipamentos.** E posteriormente os custos com manutenção são mínimos, de forma que facilmente podem ser previstos e programados com bastante antecedência.

Assim sendo, faz-se necessário no projeto de um edifício hospitalar, atentar as decisões para minimizar o custo da construção na parte de construção civil, e minimizar o custo da manutenção na parte de instalações. (GÓES, 2011)

O custo da edificação também varia de acordo com a altura da edificação, provenientes da análise de: variação do pé-direito; quantidade de andares e espaços intersticiais*.

A solução da edificação horizontal sempre será a mais indicada, ressaltando que nesses casos uma das maiores preocupações a que se deve uma maior atenção é a extensão das circulações.

Fig. 45 Custos Hospitalares
Fonte: Autora

*Espaços Intersticiais: são chamados os "andares técnicos", onde estão locados os equipamentos e instalações; Sua adoção é comum em edificações verticais, onde encontram-se intercalados entre dois ou mais andares, atuando como uma ampliação do chamado "forro falso". (GÓES, 2011).

2.6 O HOSPITAL E SUA COMPOSIÇÃO

2.6.1 COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA

"O hospital é um dos programas mais complexos a ser atendido pela composição arquitetônica. É um edifício multifacetado, onde interagem relações diversas de alta tecnologia e refinados processos de atuação profissional (atendimento médico e serviços complementares) com outras de características industriais (lavanderia, transporte etc.)" (GÓES, 2011).

A verticalização acaba sendo imposta devido a dificuldade de encontrar terrenos disponíveis aptos a receber a estrutura de uma edificação horizontal. De tal forma se faz tão importante a busca e escolha de um terreno apto a permitir uma edificação com maior horizontalidade, necessário para um hospital veterinário, pela facilidade dos acessos principalmente se tratando de animais, e não só o com o fator de menor custo da edificação pela sua horizontalidade.

2.6.2 MODULAÇÃO

"Para facilitar o projeto e racionalizar o uso de materiais, recomenda-se escolher uma modulação estrutural já no início do planejamento. Normalmente a modulação utilizada no planejamento hospitalar é de 1,20 e o submúltiplo de 0,30, adotando-se a malha quadrada de 7,20 x 7,20m entre pilares." (FERRER, 2012).

2.6.3 SETORES HOSPITALARES

Segundo Góes, as funções de ensino de Pesquisa, quando incorporadas ao EAS, devem integrar-se com a administração, ambulatório, atendimento imediato, assistência domiciliar terapêutica (ADT), e internação, sem tornar-se um setor autônomo, porém com suas próprias instalações. De tal forma os setores de um hospital com caráter educacional podem ser da seguinte forma:

HORIZONTALIDADE



Horizontalidade em Hospitais Veterinários

Fig. 46 | Fonte: Andrew



Hospital Veterinário e Pet Resort no Texas

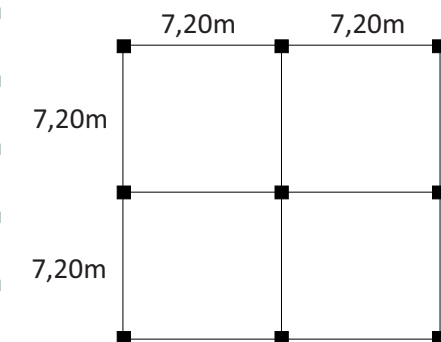
Fig. 47 | Fonte: Becker



Centro Veterinário de Equinos em Tamworth

Fig. 48 | Fonte: Stuart

MODULAÇÃO



(FERRER, 2012)

Fig. 49 | Modulação de Ferrer
Fonte: Autora



2.6 O HOSPITAL E SUA COMPOSIÇÃO

2.6.3 SETORES HOSPITALARES

- 1 - Atendimento básico de saúde (imunização, ambiente de apoio, etc...);
- 2- Ambulatório (enfermagem, consultórios e centro cirúrgico);
- 3- Atendimento Imediato (urgências e emergências);
- 4- Atendimento em Regime de Internação (geral, intensiva, queimados, recém-nascidos, etc...);
- 5- Apoio ao Diagnóstico e Terapia (patologia clínica, radiologia, tomografia, fisioterapia, etc...);
- 6- Apoio Técnico (farmácia, central de material esterelizado e etc...);
- 7- Ação para Formação e Desenvolvimento de Recursos Humanos e Pesquisa (sala de aula, anfiteatro/auditório, sala do professor e etc...);
- 8- Apoio Administrativo (diretoria geral, finanças, compras, arquivo médico e etc...);
- 9- Apoio Logístico (manutenção, conforto e higiene, limpeza e zeladoria e etc...);
- 10- Geral (estacionamentos, central de gases, tratamento de resíduos e etc...).

2.6.4 OBSERVAÇÕES DA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Os atendimentos de urgência e emergência são setores do atendimento imediato que presta serviço de pronto-socorro, com o objetivo de diminuir a mortalidade e as seqüelas incapacitantes. É essencial para a preservação da vida não só a existência como a qualidade desse tipo de atendimento nos hospitais.



Leoa em tomografia. Setor de Diagnóstico

Fig. 50 | Fonte: Marcelino Ueslei



Cão em hidroterapia. Setor de Terapia

Fig. 51 | Fonte: Maira

2.6 O HOSPITAL E SUA COMPOSIÇÃO

2.6.4 OBSERVAÇÕES DA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

O veterinário Ricardo Tubaldini alega: "Bastante comum no mundo dos bichinhos de estimação caninos e felinos, a emergência veterinária consiste no tipo de situação que exige medidas rápidas e precisas para salvar a vida dos animais; necessitando de profissionais bem treinados e capacitados para diagnosticar a gravidade dos problemas apresentados e realizar os procedimentos necessários para manter a saúde e a vida dos pets prejudicados"

De tal forma, faz-se necessária a compreensão da diferenciação entre esses dois tipos de atendimentos. Atendimento de urgência ocorre a pacientes externos em situação de sofrimento, sem risco de morte. Realizado em até 24 horas. Na emergência a ajuda prestada ocorre à pacientes externos em situação de sofrimento, com riscos de morte. Auxílio realizado em até 1 hora.

2.6.5 CONHECENDO OS COMPARTIMENTOS

Para maior compreensão do projeto a ser elaborado, é de fundamental importância obter o conhecimento básico de alguns espaços fundamentais no planejamento de um hospital, Mario Ferrer em seu livro "Manual da Arquitetura das Internações Hospitalares" chama esses espaços de "compartimentos" e os descreve da seguinte forma:

- **Posto de Enfermagem:** Área destinada aos médicos e enfermagem, onde são executadas atividades técnicas específicas e administrativas. Sua localização deve favorecer o menor percurso possível do caminhar da enfermagem para atender os pacientes.

- **Sala de Serviço de Enfermagem:** Sala anexa ao Posto de Enfermagem destinada às atividades de enfermagem, preparo e distribuição de bandejas de medicação.

URGÊNCIA

- Reação Alérgica
- Desidratação
- Infecção nos Ouvidos
- Infecção nos Olhos
- Ossos Quebrados
- Mordidas
- Febre

24 Hr



Perda da Consciência
Ataque do Coração
Falta de Ar
Hemorragia

1 Hr

EMERGÊNCIA

Fig. 52 | Distinção Urgência e Emergência
Fonte | Autora





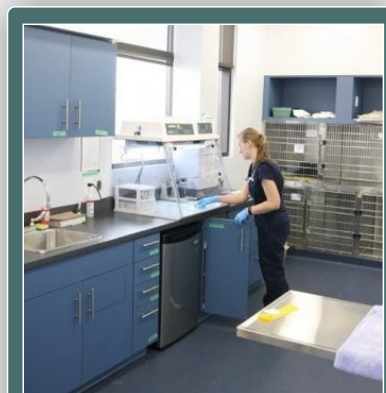
Área de Prescrição Médica

Fig. 53 | Fonte: Animal Arts



Sala de Exames e Curativos (Sala de Procedimentos)

Fig. 54 | Fonte: Mackenzie



Isolamento

Fig. 55 | Fonte: Animal Arts

2.6 O HOSPITAL E SUA COMPOSIÇÃO

2.6.5 CONHECENDO OS COMPARTIMENTOS

- - **Área de Prescrição Médica/Reunião:** Local destinado à realização das prescrições, por parte dos Médicos, depois da visita aos pacientes. Ficando sempre anexa ao Posto de Enfermagem.
- - **Almoxarifado:** Compartimento que realiza a previsão de estocagem de materiais - como luvas, seringas, soro e etc - facilitando a administração da Unidade e a rapidez do atendimento do paciente.
- - **Sala de Exames e Curativos (Sala de Procedimentos):** Onde são realizados procedimentos que necessitam de condições especiais.
- - **Quarto de Isolamento:** Local de internação de pacientes suspeitos ou portadores de doenças transmissíveis, ou pacientes altamente suscetíveis (imunodeprimidos ou imunossuprimidos).
- - **Copa:** Local para lanches dos funcionários com acesso pela área de estar da equipe. Ambiente usualmente barulhento, que por sua vez, não deve abrir para a circulação da unidade.
- - **Área de Estar para a Equipe da Saúde:** destinada ao descanso dos funcionários e à discussão dos casos.
- - **Recepção:** Controla a entrada de pessoas e fornece informações sobre os pacientes.

2.6 O HOSPITAL E SUA COMPOSIÇÃO

2.6.5 CONHECENDO OS COMPARTIMENTOS

- **Sala de Utilidades/Expurgo:** Destinado a coleta, higienização e remoção da roupa suja e do material utilizado nos cuidados prestados aos pacientes. Por receber material contaminado da unidade e receber o despejo de resíduos líquidos e pastosos contaminados, deve ser projetada sem interferir ou afetar outras áreas ou circulações.

- **Depósito de Roupa Suja:** Coleta e remoção da roupa suja. Preferencialmente anexo à sala de Expurgo e próxima da saída da Unidade.

- **Sala de Armazenamento Interno Temporário de Resíduos:** Guarda interna e provisória de recipientes de resíduos sólidos (lixo) segregados até seu recolhimento ao abrigo. Com "contêineres" devidamente identificados.

- **Depósito de Equipamentos:** Onde são guardados aparelhos, equipamentos e acessórios de uso eventual.

- **Depósito de Material de Limpeza (DML):** Destinado ao apoio do pessoal de limpeza



Sala de Expurgo

Fig. 56 | Fonte: MP do Pará



Lavanderia

Fig. 57 | Fonte: Porthus Jr.



Depósito de Material de Limpeza (DML)

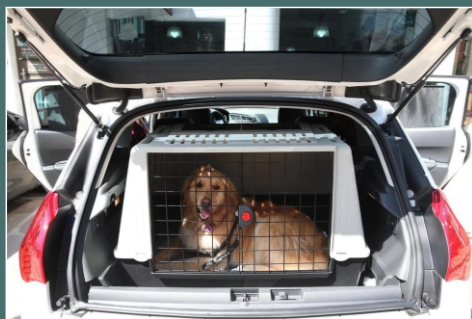
Fig. 58 | Fonte: São Camilo





Ambulância para transporte Animal

Fig. 59 | Fonte: Daniel Thame



Transporte de Cães de Grande Porte

Fig. 60 | Fonte: Diego Vara



De acordo com o Código Brasileiro de Trânsito

Fig. 61 | Fonte: Usadosbr

2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.1 TRANSPORTE ANIMAL

A resolução Nº 1015, de 9 de novembro de 2012, aplicada pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária, define que clínicas e hospitais veterinários que ofertarem serviço de remoção de animais em estado grave deverão ter ambulância adequada à disposição para atendimentos de emergência.

Essas ambulâncias podem ser veículos adaptados, que tenham equipamentos como maca, sistema de aplicação de soro e outros fluidos, sistema de provisão de oxigênio e aparelhos de monitoramento. Caso não sejam casos graves, os animais podem ser tranquilamente transportados nos carros de seus tutores, desde que devidamente assegurados e dentro da lei disposta pelo Código de Trânsito Brasileiro, com a utilização do cinto de segurança, ou em caixa de transporte.

No caso de transporte de animais de grande porte esses mesmos podem ser encaminhados aos estabelecimentos de atendimento de saúde pelo Roulotte* do próprio criador.

Fora o transporte realizado pelo próprio criador, existem algumas empresas que ofertam esse tipo de serviço, principalmente para transporte de longas distâncias, empresas essas que são especializadas no conforto e segurança do animal. Muitas vezes procuradas por grandes criadores de animais de raça e de grande valor aquisitivo, que requerem tratamento de ponta a sua criação, e ao qual o tutor não se nega a bancar valores exorbitantes que podem ocorrer em busca do bem estar desses animais.

2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.1 TRANSPORTE ANIMAL

Em alguns estados o controle de entrada e saída de animais e produtos de origem animal tem se tornado cada vez mais presente nas fronteiras - através das barreiras sanitárias e postos de fiscalização -, a fim de evitar a propagação de enfermidades. Santa Catarina é o único estado brasileiro livre da febre aftosa sem vacinação, livre de febre suína clássica e africana e demais enfermidades controladas. (CIDASC)

Nos casos de transporte de animais entre estados existem algumas medidas que necessitam ser providenciadas. De acordo com a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), todas as espécies de animais, sejam domésticos ou com finalidade econômica: bovinos, suínos, caprinos, ovinos, aves de corte e postura, animais aquáticos, dentre outras; sejam animais de estimação: cães, gatos, pássaros e outras espécies criadas para este fim, só deverão ser transportadas acompanhadas de documentação sanitária.

Para transportar animais com segurança, é necessário procurar um Escritório da CIDASC mais próximo ou um médico veterinário credenciado pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, para fornecer a GTA – Guia de Trânsito Animal – que é documento necessário.



Transporte para Animais de Grande Porte

Fig. 62 | Fonte: Matheus Toledo



Modelo de Roulotte

Fig. 63 | Fonte: Hipitecnica



Empresa Especializada em Transporte de Animais

Fig. 64 | Fonte: Shepparton

*Roulotte: veículo sem motor, que se move atrelado a um automóvel. (Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa)



2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.2 AMBIENTAÇÃO DE RECINTOS



2.7.3 CONFORTO ACÚSTICO

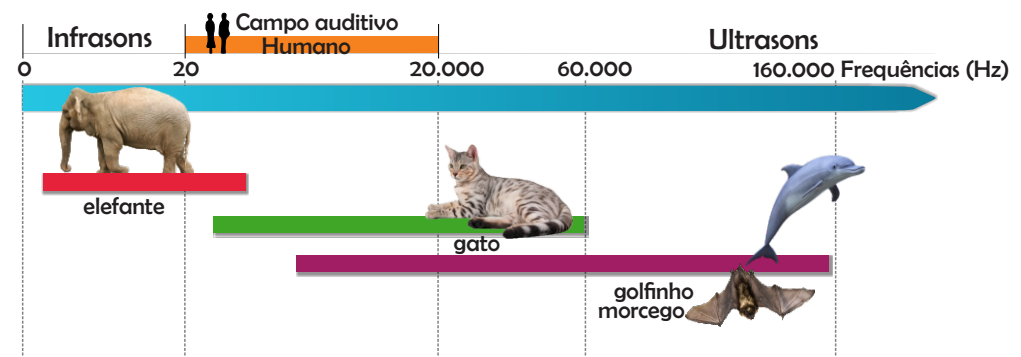
Segundo a Escola Secundária de Alfena, a audição dos animais, principalmente a felina é muito apurada, sendo extremamente sensível aos sons agudos. Enquanto a frequência de percepção humana vai de 20 Hz até os 20.000 Hz, a dos gatos vai de 60 Hz até cerca dos 65.000 Hz, por tal razão é importante lembrar, que devido a uma série de ruídos esses animais podem facilmente apresentar altos índices de estresse, podendo ser prejudicial nos casos de internações, por isso é inevitável que os locais de internação não possuam aberturas para locais geradores de ruídos - lavanderia, casa de bombas, pátio de serviço, entre outros - e deve-se estabelecer uma preocupação maior com relação ao ruído do tráfego.

Mario Ferrer, ressalva que quando o hospital for horizontal, o paisagismo tem plenas condições de amenizar esse tipo de problema.



Ambientação de Recintos

Fig. 65 | Fonte: Google

Fig. 66 | Audição dos Animais
Fonte: Autora

2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.4 ERGONOMIA

"A escolha do mobiliário e demais equipamentos é muito importante para o conforto e principalmente para o rendimento dos funcionários que trabalham constantemente em condições estressantes. (FERRER,2012)"

2.7.5 INTERLIGANDO: CORES, SUAS PROPRIEDADES E OS ANIMAIS

2.7.5.1 A VISUALIZAÇÃO DAS CORES

Os olhos, tanto dos animais como dos seres humanos, possuem células de captura de luz - chamadas de cones - que respondem a cor (enquanto os bastonetes capturam a intensidade da luz). Cada tipo de cone percebe uma frequência luminosa diferente. Os seres humanos possuem três tipo diferentes de cones, respondendo a três frequências diferentes: luz azul, luz verde e luz vermelha. (BRISTOL)

Alguns animais possuem mais tipos de cones ou menos que os seres humanos, os cães e os gatos possuem dois tipos de cones, as pombas possuem até cinco, enquanto uma espécie de camarão possui até 12 classes de células. (TERRA, 2004)

2.7.5.2 AS PROPRIEDADES

"As propriedades curativas das cores eram conhecidas desde os egípcios. Registros de civilizações antigas demonstram que seus poderes eram largamente utilizados na recuperação de doentes. " (FERRER,2012)

ERGONOMIA



Fig. 67 | Fonte: Vibe

VISUALIZAÇÃO DAS CORES

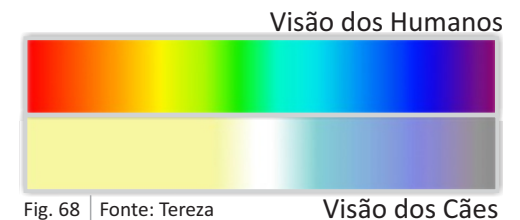


Fig. 68 | Fonte: Tereza

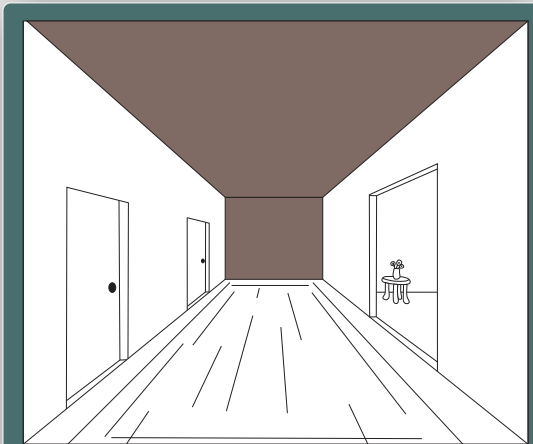


Fig. 69 | Fonte: Nickolay

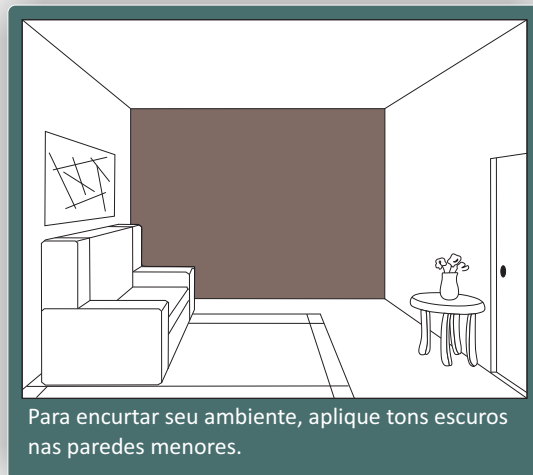


2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.5.2 AS PROPRIEDADES



O uso das cores nos ambientes podem aumentar ou diminuir nossa capacidade de percepção.



Para encurtar seu ambiente, aplique tons escuros nas paredes menores.

Fig. 70 A influência das cores nos ambientes
Fonte Autora

A cor pode influenciar diretamente o espaço, criando ilusões e efeitos diversos, podendo diminuir ou aumentar a capacidade de percepção, de concentração e atenção. Segundo Góes, a cor é essencial na composição arquitetônica, exatamente pelos efeitos positivos ou negativos. Atua direta e intensamente sobre as pessoas, e diferentemente sobre cada uma, sofrendo influências pela faixa etária, estrutura psicológica e condicionantes culturais do indivíduo.

O uso da cor deve atender soluções específicas para diferentes ambientes, e atuar como um meio estético para proporcionar conforto e tranquilidade aos pacientes e aqueles que trabalham em hospitais ou qualquer tipo de ambiente de saúde.

O branco foi muito usado nos Estabelecimentos Assistenciais de Saúde (EAS), pela sua característica de mostrar a sujeira, depois que alguns estudos apontaram para o branco como fator que influenciava na depressão dos pacientes, esse foi trocado pelas cores próximas as utilizadas em residências, pela busca de influência benéfica no estado das pessoas. (GÓES, 2011).

"De um modo geral, deve-se optar, nos ambientes ocupados por pacientes, por cores frias e pastéis que induzam à tranquilidade, mas como o uso de cores quentes em alguns pontos estratégicos, como alisares ou portas, bate macas e quadros. A quebra da monocromia, com cores quentes, traz estímulos importantes na recuperação dos pacientes." (BICALHO; BARCELLOS, 2002).

2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.5.2 AS PROPRIEDADES

Podemos então analisar as características das cores quentes e frias propostas por Silva, mas filtrar apenas as que também estariam à mercê de serem vistas pelos animais mais tradicionais, cães e gatos:

Cores quentes

Amarelo - Antidepressiva, é a cor do intelecto. Estimula a concentração e a criatividade, além de ter forte influência sobre o aparelho digestivo.

Preta - Devido ao efeito isolante, evita os efeitos maléficos ou benéficos das cores presentes em um determinado ambiente.

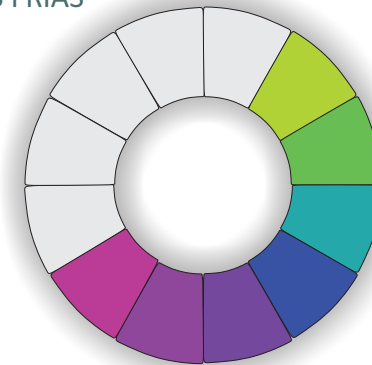
Cores frias

Azul - Calmante. É recomendada em terapias de distúrbios gástricos e agitações. Em excesso pode levar à depressão.

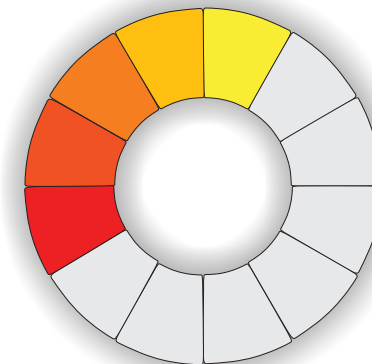
Violeta - Cor da transmutação, da mudança. É bactericida e antisséptica, além de estimular a atividade cerebral.

Lilás - Prosperidades sedativas, Ajuda as pessoas a relaxar. Muito utilizada em ambientes de UTI.

CORES FRIAS



CORES QUENTES



CORES NEUTRAS

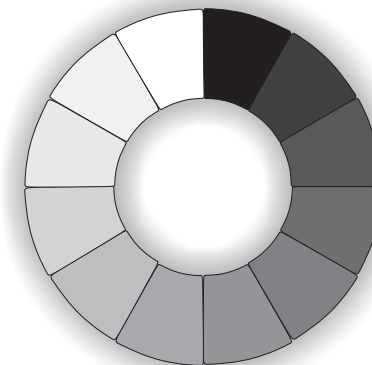


Fig. 71 | Classificação das cores
Fonte | Autora



2.7 ASPECTOS À CONSIDERAR

2.7.5.3 INFLUÊNCIAS INDIRETAS AOS ANIMAIS

É importante que a escolha das cores nos ambientes de trabalho - para os médicos, enfermeiros e estudantes - e nos de tratamento - para os pacientes e acompanhantes (pois influenciam diretamente no tratamento do paciente) - sejam escolhidas criteriosamente, para que não interfiram de forma prejudicial na saúde ou no desempenho dos funcionários dos estabelecimentos de saúde.

Mesmo sem sabermos se a psicologia das cores atingem os animais da mesma forma que a nós, é imprescindível dar a eles ambientes mais diversificados do que monótonos. Segundo as pesquisas do grupo MTA-ELTE - da Academia de Ciências da Hungria, em Budapeste - nossos amigos de quatro patas (cães) tem um "detector" no cérebro dedicado a decifrar emoções em vozes humanas e caninas, revelando assim, como alguns animais podem ser tão sintonizados com os sentimentos dos seus donos, sabendo ao certo quando esses estão alegres ou tristes. (ROMANZOTI)

Dessa forma, é possível concluir que ao estimular o psicológico de forma saudável dos funcionários e acompanhantes através das cores, estaremos influenciando diretamente na saúde dos animais.



Cães da raça Golden Retriever e Border Collie posam para foto em frente a máquina de MRI, durante pesquisas realizadas pelo grupo MTA-ELTE.

Fig. 72 | Fonte: Borbala Ferenczy